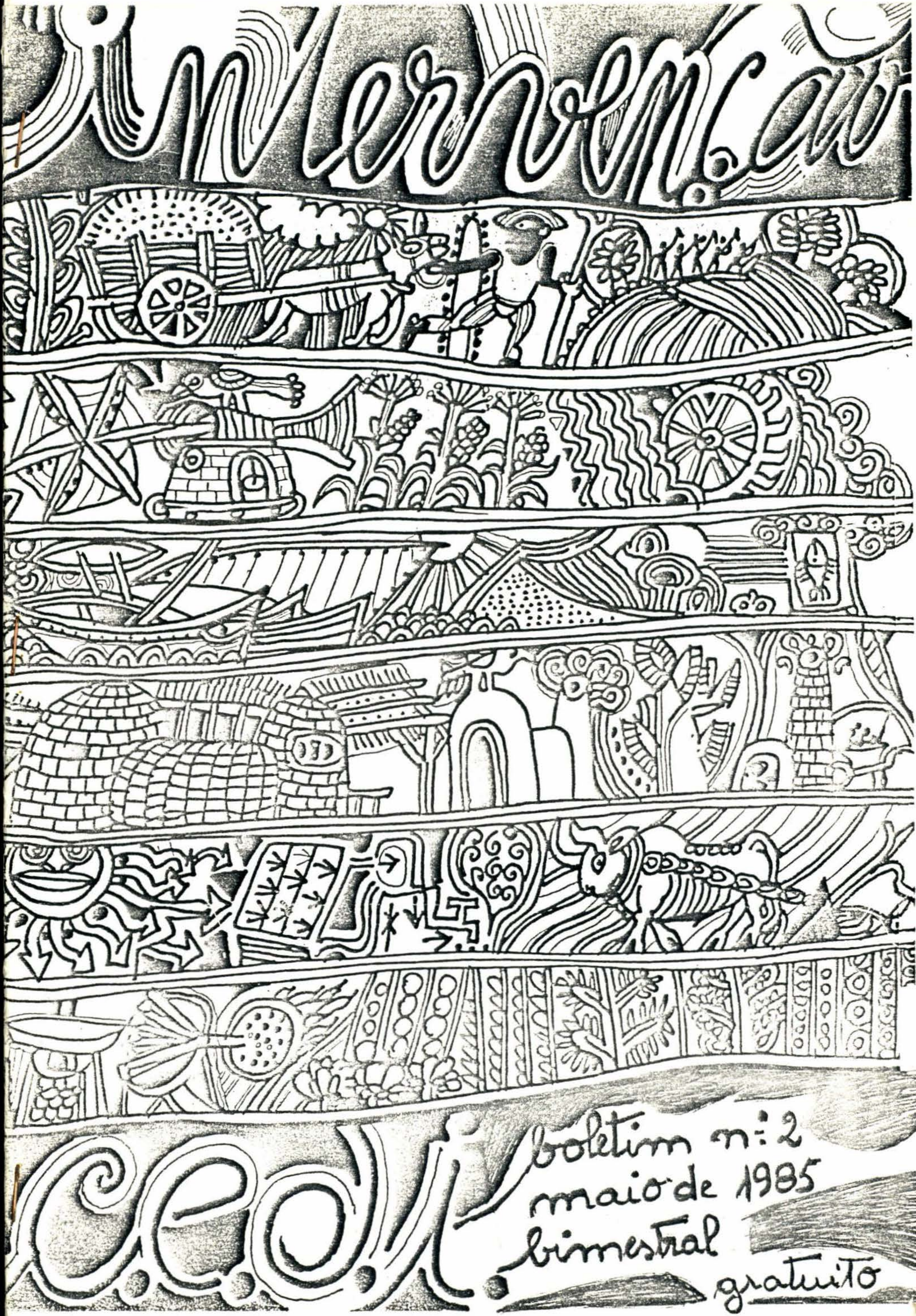

intervenção
c.e.d.i.
boletim n.º 2
maio de 1985
bimestral
gratuito

ÍNDICE

Somos Uma Cooperativa Legalizada . . . . . Pág. 2 a 3

Centro Europeu Dell' Educazione . . . . . " 4

Um Projecto de NAV . . . . . " 5 a 7

Praça do Campo Pequeno voltou à Casa Pia de Lisboa . . . . . " 8 a 13

Projecto da Série de Televisão . . . . . " 14 a 17

Percursos para a "Intervenção" . . . . . " 18 a 19

Semear Para Unir - Uma Experiência ..... " 20 a 22

Director - Alberto Melo

Director Adjunto - Henrique Araújo

Proprietário - Luís Martins

Coordenação Redactorial - Gabriela Ribeiro

Sede Provisória - Av^{a}. da Liberdade, 157 r/c Esqº - Lisboa

Administração - CEDI - Centro de Estudos Documentação e Informação/Intervenção

Apartado 2 144 1 127 Lisboa Codex

SOMOS UMA COOPERATIVA LEGALIZADA

Como as coisas simples são difíceis.

Vencidos que foram os acidentes de percurso, chegou o glorioso dia 19 de Dezembro de 1984.

Para trás ficavam peripécias várias, para se conseguir obter os papéis certos e marcar a hora certinha, num notário que aceitou a responsabilidade de legalizar uma tal cooperativa.

A Sofia tratou direitinho do que era preciso e nas vésperas só faltava fotocópia do B.I. de 10 cooperantes. Era preciso também saber se eram solteiros, viúvos ou casados e neste caso, com quem e com que regime de bens. Isto penso que para acautelar os interesses dos consortes na divisão dos lucros (ou perdas) da cooperativa.

Nos contactos para se clarificarem estes pormenores, telefonou-se para casa de um honrado cooperante, a quem conhecíamos uma filhinha, porque à falta de ter quem lhe ficasse com ela, a tinha levado a uma reunião na Casa da Idanha.

No telefonema (atendido pela mulher) apenas se perguntou qual o regime de bens. O! Espanto!

Que não, que não eram casados. Gaguejos, justificações, pedidos de desculpa e risos mútuos.

Antes da hora aprazada, a Teresa e eu, fomos a convite do Luis Martins, visitar a antiga sede da Intervenção e o Teatro Taborda.

Ficamos encantados com a excursão, que nos fez sentir um certo nostalgismo, ao ver os montes de revistas e outros pertences da Intervenção, emoldurados por uma casa pombalina, com a respectiva traça e azulejos, onde palpitam gerações e actividades várias, ao longo de mais de dois séculos.

Do Martim Moniz, galgamos escadinhas e vielas e subi-
[illegible] a herdar e acondicionar.

O dia desta viagem, a coincidir com a escritura, foi bem escolhido. Eu pelo menos, senti mais a necessidade de tomar parte na recuperação do passado e continuar o futuro.

Voltamos a descer escadinhas e lá fomos até à Rua do Cruxifixo, ao Chiado, antes da hora prevista, esperar os sete que faltavam, para não se perder a oportunidade da legalização do CEDI/INTERVENÇÃO.

Mùtuamente nos haviamos recomendado que, se faltasse alguém, não era possível legalizar o CEDI tão depressa, por falta de notário disponível e teria de se pagar a escritura como se tivesse sido feita.

À hora, lá estávamos dez, mas a mais nova não era cooperante. Na alcofinha, a Jacinta transportava o seu rebento, a Ana Margarida, que impávida e serena, assistia ao exame a que era sujeita por cada um dos presentes.

Finalmente, vindo de Oeiras de taxi, num "furo" arranjado entre duas reuniões, chegou o Zé Nascimento. Estávamos todos.

Ouvida a leitura dos estatutos, com ar de circunstância e responsabilidade, todos assinamos certinho, onde uma eficiente senhora nos mandou e ficamos aliviados com a missão cumprida.

O fotógrafo não estava lá, mas a "graça" dos que assinaram é

António Loja Neves
António Maduro
Jacinta Proença de Jesus
José Nascimento
Luís Martins
Maria do Rosário
Mário Ribeiro
Sofia Torrado
Teresa Gonçalves
e eu
Maria Gabriela Ribeiro

TERO
PUBBLICA ISTRUZIONE

CEDE
CENTRO EUROPEO DELL'EDUCAZIONE

VILLA FALCONIERI 4
00044 FRASCATI (ROMA)
942.57.71

Frascati, 15/2/85

Dr.Alberto Melo
Escola Superior Educaçao
Instituto Politecnico de
Faro
Avenida 5 de Outubro 66 -2°D
8000 FARO - PORTOGALLO

Dear Alberto,

There is not yet a written agreement with the Publisher (La Nuova Italia),but I can say the financial contribution for each paper should be about 400.000 Italian lire.
You can send the paper in Portuguese,and translation can be care of the Publisher.
Waiting for the paper,and looking forward to meeting you again in the next monthes,I thank you again

Yours

Maurizio Libertini

Foi apresentada, ao grupo de Estudo do CEDI, uma proposta de trabalho sobre experiências de alfabetização em Portugal.
Este trabalho foi solicitado pelo Departamento de Educação Permanente, do Centro Europeu de Educação de Itália, que está a preparar um livro sobre experiências europeias de alfabetização.
Na prática o estudo foi elaborado por um grupo autónomo, que se reuniu à volta deste objectivo e que era constituido por:

Gabriela Ribeiro
Lucilia Salgado
Teresa Gonçalves
Luisa Nunes
José Manuel Lucas

O Alberto de Melo foi o coordenador final do trabalho.

UM PROJECTO DE NAV núcleo de audiovisuais no CEDI

Não se pretende neste espaço falar do CEDI, nos seus objectivos gerais. No entanto parece importante recordar que um deles, talvez o principal, é o papel que ele pretende desempenhar no apoio a associações e animadores em cujas acções se inscreve a Animação Sócio-Cultural (ASC).

Dentro desta, há hoje um aspecto que pela sua importância não pode ser descurado. A utilização e mesmo produção de meios audiovisuais.

É certo existirem em Portugal variados grupos que se dedicam à sua produção e realização, mas raros são aqueles que os olham como um conjunto de meios, cada qual com as suas virtudes e defeitos e, a partir das suas caracterîsticas, os consideram mais utilizáveis uns que outros, conforme as situações.

Mais raros ainda, são os grupos ou pessoas,, que se interessam vivamente pela sua correcta utilização.

Quanto aos animadores, utilizam ou fazem, quase sempre, aquilo que é possîvel (digamos mesmo, aquilo que é fácil). Raramente são pesadas com rigor, as caracterîsticas do meio que se usa ou faz e, a partir delas e dos objectivos e destinatários da acção a realizar, se decide a escolha.

Deste modo, nem sempre os resultados obtidos são os mais satisfatórios.

É por isso que, sabedores, por experiência própria, da frustração que uma sessão mal conseguida provoca e mesmo das repercussões negativas que pode causar na relação animador/comunidade, que nos dispomos no CEDI, a criar um espaço de :

que possa criar os instrumentos capazes de ajudar os animadores que fazem/utilizam audiovisuais a ultrapassar algumas das dificuldades que dia a dia lhes vão surgindo.

Para atingir estes objectivos, parece-me fundamental organizar um NÚCLEO DE AUDIOVISUAIS (N.A.V.) em volta de três aspectos essenciais :

I – Documentação Teórica Especifica
II – Produção/Realização
III – Formação

O I aspecto, não carecendo de verbas especiais, pode iniciar-se a qualquer momento. Tem mesmo a vantagem de, utilizando uma certa interdisciplinaridade, obrigar os elementos dos vários núcleos

do CEDI a um trabalho de conjunto.

Tu próprio que lês estas linhas, podes ao acabá-las, iniciar a tua participação nele.

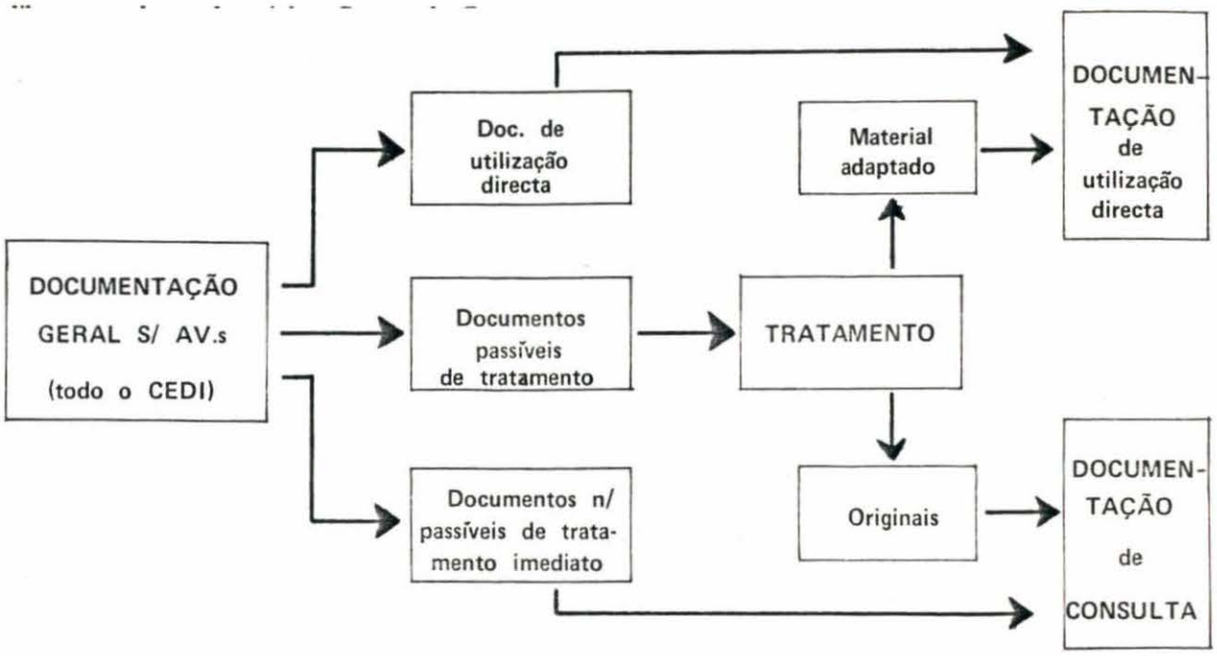
REPARA!

O trabalho inicial consistirá na recolha de todos os documentos que se relacionam com os AV (audiovisuais) e muito especialmente aqueles que tenham a ver com a sua inserção na ASC (animação sócio-cultural).

Seguidamente fazê-los chegar ao NAV onde eserão sujeitos a uma apreciação e escolha.

Daí, uns, servirão para utilização directa, outros sofrerão adaptações e outros limitar-se-ão a

D O C U M E N T A Ç Ã O
T E Ó R I C A
E S P E C Í F I C A



Entendamos por "documentos de utilização directa", aqueles que tenham uma aplicação prática. Ex.: As "receitas" que "ensinam a fazer", as fichas de sessão ou de animação de filmes, etc. Por "documentação de consulta" todo o tipo de obras teóricas sobre audiovisuais.

P R O D U Ç Ã O /
/ R E A L I Z A Ç Ã O

Este parece-me ser o aspecto mais perigoso de todo o projecto.

É que, qual de nós não tem já um filme na cabeça? Basta pegar numa máquina de filmar (ou melhor, numa câmara de vídeo que está mais em moda), carregar no gatilho e... já está

Era bom!

O mal é que só é assim para quem nunca experimentou.

Não quer isto dizer que o CEDI se demita da produção e ou realização de documentos AV. Penso que não. Penso mesmo que este é o aspecto mais importante de todo o projecto. Só que,

para que esta prática se torne num trabalho eficaz e útil à animação, é forçoso que a decisão de produção/realização do documento,

- seja ditada por real necessidade desse documento
- tenha em conta a capacidade de o realizar depois de avaliados devidamente os meios humanos e materiais de que se dispõe.

Ultrapassada esta fase pela positiva, será necessário:

- Planificar o documento cuidadosamente.
- Garantir condições à equipa de realização.

Mesmo depois de tudo isto, com o documento acabado, a missão não está completa.

É preciso testá-lo.

E, aí ...

- Que tal o achou o destinatário a quem fora dirigido?
- E, os objectivos que o determinaram, foram atingidos ?

Se também aqui os resultados foram satisfatórios, então:

FORÇA!!

VAMOS CONTINUAR.

NOTA: Neste ponto houve sempre o cuidado de se referir a palavra "documento" e não especificamente qualquer suporte. É que a decisão sobre esse aspecto será sempre função daquilo que se pretender e para quem se pretender.

F O R M A Ç Ã O

É uma componente importante do projecto e que pode, assim como a documentação, iniciar-se a curto prazo, já que o NAV, está composto desde a nascença por elementos de experimentada prática, quer na animação e exploração pedagógica de documentos AV, quer na sua realização (diaporama, cinema e vídeo) quer ainda na formação, num ou noutro dos aspectos referidos.

Mas, mesmo que a formação a fazer se revista apenas de um serviço a prestar, parece-me que, tal como no caso da produção/realização de documentos, ela deve ser alvo de uma apreciação cuidada dos objectivos e dos destinatários dessa formação.

É que, ou ela se torna um instrumento útil a quem o recebe, ou então não vale a pena investir nela.

Já não é segredo para ninguém que

FORMAÇÃO —*(implica)*→ **APRENDIZAGEM** →

→ **MODIFICAÇÃO COMPORTAMENTAL**

Além disso, se se fornecem instrumentos teóricos que não funcionam isolados, será preciso que existam, ou se criem, os meios para a sua utilização.

Se assim não for, continuamos a ter animadores carregados de diplomas (cuidado com o nosso amigo Carl Rogers) e largas folhas de "currículum" sem nada fazerem e um montão de carolas perfeitamente "à rasca" com falta dos instrumentos teóricos e práticos que lhes permitiriam dar conta das alhadas em que andam metidos.

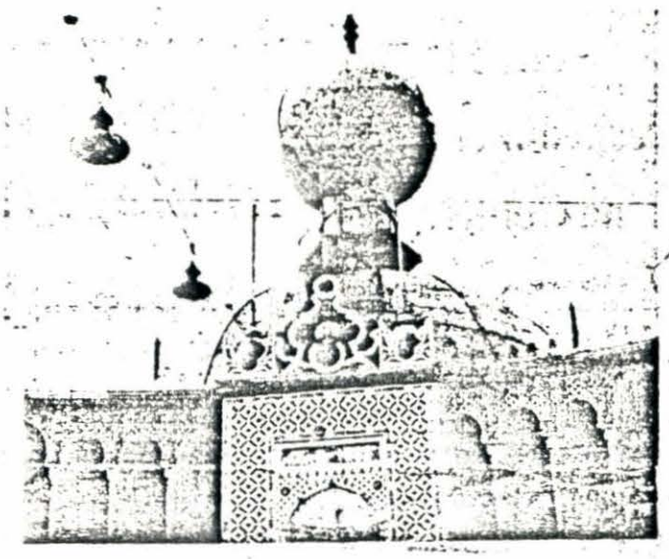
E, fico-me por aqui.

Vamos começar a pensar nisto!

Está bem ?

António Maduro

3/3/85



Após noventa anos
e nove meses de concessão

Praça do Campo Pequeno voltou à Casa Pia de Lisboa

"Após noventa anos e nove meses de concessão, Praça do Campo Pequeno voltou à Casa Pia de Lisboa". D.L.
"Como espaço social, Lisboa está igualmente impreparada para acolher os adolescentes e os jovens e para apoiar o seu desenvolvimento"
(Caracterização Social da Cidade de Lisboa Grupo de Trabalho da Misericórdia)

S O N H O S . . .

Amanhã, o mais jovem dos escritores portugueses José Gomes Ferreira*, encontrar-se-à com a Juventude de Lisboa no auditório da antiga Praça do Campo Pequeno.

Com efeito, como é do conhecimento público, depois de terminada a concessão à Empresa Tauromáquica Lisbonense, a Casa Pia de Lisboa (aliás de acordo com a sua longa tradição de trabalho com a juventude) transformou e adaptou a antiga Praça, num grande espaço de encontro e de animação cultural especialmente dedicado à juventude. Projecto que, de imediato recebeu o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, dos Ministérios da Educação, Cultura e Trabalho, da Secretaria de Estado da Emigração, da Santa Casa da Misericórdia e de múltiplos outros organismos oficiais e não governamentais que de algum modo têm responsabilidades mais directas para com a juventude.

Foi assim o assumir por estes organismos dessa responsabilidade, constatado que foi a inexistência em Lisboa de espaços físicos, sociais e culturais dedicados à juventude e em como isso pode ser imperativo e mesmo desintegrador dum desenvolvimento harmonioso da personalidade dos jovens, em que a droga e a delinquência são alguns contornos mais visíveis.

Tratou-se tão só duma resposta à necessidade urgente da criação de espaços que, perante a juventude, se possam afirmar enquanto alternativos a outros, de que são exemplo os centros comerciais encurralados e encurralantes ou as salas repletas e fumo e solidão dos jogos electrónicos.

Doravante um grande espaço de encontro para os jovens foi criado em Lisboa. Não para os aí colocar como dum ghetto se tratasse, mas para que esse espaço se transforme num polo irradiador da vitalidade criadora da juventude, pela afirmação da sua capacidade, pela expressão das suas aspirações, pelo direito à palavra, enfim pelo assumir pelos próprios jovens da importância da sua própria contribuição para o rejuvenescimento cultural da cidade.

A traça arquitectónica da antiga Praça não se alterou significativamente no seu aspecto exterior. No cimo, no mastro mais alto uma grande bandeira branca desfraldada ao vento . Lá dentro um grande auditório a céu aberto, assim como que a convidar à imaginação sem limites, para a comunicação, para o encontro, para o sonho.

Festivais musicais, encontros com escritores, intelectuais, trabalhadores, representações teatrais dos múltiplos grupos juvenis de teatro, fazem-se aqui privilegiadamente.

Nos diferentes anexos salas adaptadas para o trabalho. Seja o das reuniões e actividades das diferentes associações juvenis, seja o de preparação e ensaio duma representação teatral ou de outras múltiplas e diversificadas acções. É que neste espaço não há lugar para meros espectadores. Mais adiante, um pequeno estúdio onde um grupo de jovens tem na mente e nos corações o fazer para hoje o que ouviram ter sido a Rádio Universidade para ontem. Mais à frente,um pequeno estúdio de audio-visuais. Um grupo experimenta o diaporama, o cinema de animação, o cinema de pequeno formato - o super 8. Na sala de exposições há uma amostra conjunta de pintura e escultura de jovens artistas de todos os pontos do país. Uma pequena editora, nascida com meios modestos edita uma colectânea de poemas de adoles-

centes, sobre a adolescência. Na próxima semana jovens ecologistas vão chamar a nossa atenção por múltiplas formas para que olhemos com olhos de ver o mundo em que vivemos...

Um pouco mais adiante ateliers de artesanato orientados por diversos artesãos tradicionais. Há também um espaço para a comercialização do artesanato feito pelos jovens, nestes ateliers. Na sala de reuniões, jovens desempregados discutem o lançamento dos alicerces de uma cooperativa de produção, beneficiando dos apoios que o "Plano de Combate ao Desemprego Juvenil" do Ministério do Trabalho proporciona.

Os jovens dos países de expressão portuguesa estudando em Portugal habituaram-se também aqui, no dia a dia e neste espaço, a soletrar a palavra solidariedade sem nunca precisarem de a ter proferido. Mais adiante... bom, mais adiante há tudo o que a força da imaginação e da vontade pode realizar...

Todo estre trabalho executado, planeado e gerido exclusivamente pelos jovens participantes vai ter um primeiro ponto simultaneamente de síntese e de afirmação social conjunta da vitalidade criadora juvenil. Sonha-se com um grande encontro (que se deseja periodicamente repetido*) da Juventude portuguesa, com um grande Festival da Juventude Portuguesa onde quer que ela se encontre e em que a participação dos jovens das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, é entendida como fundamental. Será um encontro de vitalidade e de afirmação cultural da juventude portuguesa no mundo. Teatro, pintura, poesia, conto, jogos florais, são algumas das muitas secções onde mais formalmente se vai traduzir a expressão cultural e artística dos jovens portugueses. Mas este festival vai ser muito mais que isto. Será uma festa de encontro e de diálogo. Díalogo entendido como prática quotidiana, como factor humanizante e como objectivo social e político. Diálogo que respeite a (s) diferença (s) e que, mais do que isso, se alicerce nesse respeito. Diálogo entre as nossas raízes individuais e colectivas, o nosso modo de vida, a nossa cultura. Diálogo com a cultura própria de um povo, que se reflecte na sua vida quotidiana, no mo

do como está e como vê o mundo, a vida e o futuro. Diálogo com uma maneira própria de ser, com uma cultura, base fundamental dum sentimento de identidade nacional. Tornar por isso fecundo, vivo e permanente este diálogo não é só um acto cultural de inegável valor mas um acto patriótico.

É pois por isto que este festival vai ser policêntrico. Sê-lo-à no Minho, nas Beiras, no Alentejo, no Algarve e nas Ilhas. Será para os jovens e em especial os que não vivem no território pátrio a satisfaçam de um direito que lhes foi interdito, o contacto com o seu povo, com o seu modo próprio de vida com a sua cultura. Será para os outros a possibilidade de reassumirem este diálogo, sempre novo. Por isso esta também será uma festa de novo. Daquilo que em cada momento traz a semente do futuro. Do que é novo no passado, do que é novo no presente. Novas formas de solidariedade e entendimento entre os homens. Novos sonhos. Novos desejos. Novas lutas para que a fraternidade se conjugue no quotidiano individual e colectivo dos povos. Será um encontro festivo de uma geração que recusa ter nascido para a derrota, pois todos sabem (mesmos que outras razões não existissem) que provavelmente à sua derrota não sobreviverão sequer os vencedores. É por isso que esta festa só o será se for continuada na prática quotidiana por uma juventude que conheça as lutas e os desafios que tem de enfrentar. E por isso a grande bandeira branca desfraldada no mastro mais alto da Praça não será nunca apeada.

Com ela pretende-se significar aquilo que a juventude considera ser hoje o valor mais elevado a salvaguardar - a Paz-. Não só entendida como ausência de guerra mas como condição de aprofundamento dos laços entre os homens, da fraternidade e do desejo de reencontro do homem com o seu destino natural, de fazer da sua vida e do seu mundo, uma vida, que neste mundo valha a pena ser vivida.Não nascemos para a derrota, não nascemos para morrer. "Não foi para morrermos que falamos/que descobrimos

a ternura e o fogo/e a pintura, a escrita, a doce música/não foi para morrer que nós sonhamos ser imortais, ter alma, reviver". (1)

Luís Martins
Jan. 85

(1) Jorge de Sena

(*) José Gomes Ferreira morreu a 8 de Fevereiro de 1985. Para o encontro aprazado lá estaremos contudo. A poesia não morre. Até amanhã Zé Gomes!!

PROPOSTA DE SERIE DE TELEVISÃO

OBJECTIVOS GERAIS

1 - Dar uma visão geral da experiência portuguesa actual no que respeita à participação das populações e comunidades em acções organizadas que constituam factores de desenvolvimento regional e comunitário, encontrando formas específicas e adequadas ao seu caso, na resolução dos seus problemas e aspirações concretas.

2 - O programa terá como ponto de partida a divulgação das experiências de animação sócio-cultural, tal como a define a Unesco, entendidas como o conjunto das práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sócio-política em que estão integradas.

3 - Tentaremos realçar as práticas de associativismo nos seus mais diversos aspectos, aproveitando as situações mostradas para explicitar como pode organizar-se uma dada comunidade em torno de um interesse ou da necessidade de resolução de um dado problema. Não serão abordadas apenas formas legais e instituidas de organização (estruturas regidas estatutariamente) mas ainda as que funcionem espontaneamente.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

1 - É função de um programa com estas características permitir ao espectador uma amostragem, o mais vasta e completa possível, rematando cada assunto com os mais variados exemplos, recolhidos um pouco por toda a parte. Assim, não só se consegue explicitar que o esforço associativo depende essencialmente da vontade dos implicados no processo e não, necessariamente,das condicionantes locais, como ainda se podem apresentar diversas fórmulas organizativas que apareceram para solucionar uma mesma questão.

2 - Realçar,os aspectos práticos na constituição de uma associação, como forma de apetrechar eventuais interessados das ferramentas que poderão dar corpo ao desejo de iniciativa.

No entanto não liquidar a vivacidade e ritmo dos programas com indicações úteis mas pouco "televisivas", como endereços de entidades e que formas de apoio dispensam, mas, em contrapartida, alertar os espectadores para um canal de contacto sempre aberto (telefónico ou postal) onde, aí sim, serão prestados todos os apoios complementares. Compete aos diferentes serviços do CEDI garantir este tipo de acções.

Acresce que esta atitude poderá permitir uma ligação muito diferente entre o programa e as populações, situação que é frequente em rádio mas raramente utilizada em televisão.

3 - O Tratamento aturado das potencialidades do veículo audiovisal deve ser uma preocupação essencial da equipa. Na verdade haverá três vectores que serão trabalhados no sentido de tornar o programa mais vivo e aliciante possível: o tema, a imagem e o som. Pretende-se uma íntima ligação entre a equipa que prepara e é responsável pela série e a equipa que a irá tornar possível (pelo menos os seus responsáveis) no sentido de estudar em pormenor a função da imagem e do campo sonoro no conjunto que constitui cada programa. A equipa do CEDI está aberta a possíveis experiências neste campo específico.

TEMAS A ABORDAR

1 - Cada programa será dedicado a um grande tema que será escolhido na medida da sua actualidade, permitindo assim o entrosamento do programa com as carências mais sentidas pelas populações. A série deverá estar estreitamente ligada ao quotidiano dos potênciais espectadores, reflectindo os paços decididos por alguns deles e que, afinal, poderiam ser dados por quaisquer outros. Finalmente, pretende-se que o espectador implicado naquela temática, mais ainda isolado, reaja: "porque não faço eu o mesmo?!".

2 - Temas, por ordem de apresentação (não definitiva):

- As mulheres/Donas de casa
- A juventude/Espaços colectivos, o encontro, necessidade do primeiro emprego
- Os desempregados/Formas de recurso na ultrapassagem do mesmo
- Espaços colectivos na cidade e no campo, susceptíveis de promoverem o encontro das populações
- Práticas culturais suburbanas
- Animação de toda uma comunidade rural
- Tecnologia e novas energias/Aplicações práticas colectivas
- O baile de colectividade/A festa tradicional

ESTRUTURA DA SÉRIE

- Programas temáticos com incidência regional
- Exteriores, com entrevistas e locução
- Semanal
- Espaço preferencial aos sábados antes do Telejornal
- Duração de trinta minutos (30')
- Série de oito com perspectiva de mais oito (*)

(*) - Pretende-se que a primeira série de oito seja bastante generalizante e que a segunda possa abordar o fenómeno sócio-cultural de forma pormenorizada.

Proposta apresentada à RTP em 5 de Março de 1985 pelo CEDI - Centro de Estudos e Documentação Intervenção, Cooperativa de Informação e Animação Sócio-Cultural, CRL.

PERCURSOS PARA A "INTERVENÇÃO"

Conforme ficou aprovado na reunião de 28 de Setembro do ano findo em Catalazete, o "Grupo de Publicações" da área de Lisboa, ficou incumbido de estudar as possibilidades de reedição da Revista.

Nesse sentido consultaram-se várias firmas, mas os orçamentos apresentados impossibilitam a viabilização da Revista, sem a garantia de subsídios certos que pudessem cobrir a quase totalidade das despesas, pelo menos enquanto a divulgação e venda da publicação não pudesse substituir os subsídios.

Entretanto vieram a público notícias de que a D.G. da Comunicação Social estaria disposta a por o seu parque gráfico ao serviço de associações da área da ecologia.

O Luís Martins sugeriu uma entrevista com o Dr. Cáceres Monteiro com o objectivo de a nossa Cooperativa poder usufruir da utilização do parque gráfico em questão, tal como os "ecológicos".

Marcou-se uma entrevista, na qual essa pretensão foi exposta pelo Luis Martins, o Mário Ribeiro e por mim, à Graça Vasconcelos, em substituição do Dr. Cáceres Monteiro.

Foi-nos dito que ainda não estavam definidas as condições e prioridades de utilização do parque gráfico, mas que tinha havido já uma reunião com grupos ecológicos e estava marcada outra, para a qual nos convidava a participar.

Estive presente nesta reunião, que teve lugar no dia 25 do passado mês de Fevereiro e onde além de 2 elementos da Comunicação Social, compareceram representantes de diversos grupos ou associações.

Das informações dadas as que nos dizem mais directamente respeito foram:

- Não estão ainda definidos os critérios da utilização do parque gráfico. Os grupos interessados deverão apresentar propostas concretas das suas necessidades, as quais serão apreciadas caso a caso.
- Não têm fotocomposição, pelo que apenas poderão vir a ser contemplados pedidos de impressão, devendo o material ser entregue com a montagem feita.
- O Grupo Terra Mágica, informou que possuem já a maquinaria necessária para a montagem e aceitariam proporcionar esse trabalho aos grupos interessados, a preços muito reduzidos. Quanto ao equipamento para a impressão, pensam adquiri-lo brevemente e a partir do fim do ano poderão fazer em condições igualmente vantajosas, a composição, a montagem, a gravação dos fotolitos e a impressão.

Estarão aqui contidos percursos que possibilitem a viabilização da nossa Revista?

Sim ou não, o futuro o dirá.

13 de Março de 1985

Maria Gabriela Ribeiro

SEMEAR PARA UNIR
ASSOCIAÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO E CULTURA POPULAR
Rua Cdª Sandomil, 4, 1.º-E. — Tel. 2751127 — 2800 Cv Piedade

SEMEAR PARA UNIR
UMA EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA

I - DO GTAA À SPU

Na origem da nossa Associação esteve a necessidade de reflectir e sistematizar a experiência, nossa e de outros, no campo da alfabetização. Experiências diversas que vinham a ser realizadas, no nosso país, desde 1968 e que o 25 de Abril fez multiplicar.

Em 21 de Maio de 1977, os monitores de alfabetização da Mutela e da Quinta do Rato tomaram a iniciativa de convocar os monitores que se dedicavam à Alfabetização no Concelho de Almada, animados por duas preocupações:

- reunir esforços para melhor responder às necessidades sentidas pelos grupos, nomeadamente a nível da produção de materiais
- promover uma reflexão continuada, através da troca e análise de experiências, no sentido de qualificar e organizar o processo de alfabetização.

Assim, nasceu o Grupo da Trabalho de Alfabetização de Almada - GTAA.

Animados pelos resultados gratificantes e socialmente úteis do trabalho desenvolvido e no sentido de beneficiar dos subsídios e outras vantagens oficiais, o GTAA transforma-se de grupo informal em associação juridicamente constituída, em 17 de Janeiro de 1979, com sede na Cova da Piedade.

Sob o nome de SEMEAR PARA UNIR e na qualidade de associação de animadores, nasce um projecto orientado para o apoio e animação da vida associativa.

II - PELO CONVÍVIO LER A VIDA PARA MUDAR O DESTINO

A Semear para Unir, enquanto associação de animadores e vocacionada para a dinamização da vida associativa de base local, apoia os seus membros na acção cultural que desenvolvem em várias colectividades (Clube Recreativo Águias do Rato, Liberdade Futebol Clube, Clube Desportivo e Recreativo da Ramalha e Beira Mar Atlético Clube de Almada).

A actividade tem-se vindo a desenvolver através de

- Cursos de alfabetização para adultos
- Serões culturais, círculos de informação e debate, exposições
- Excursões e convívios
- Actividades com crianças em idade escolar
- Animação de bibliotecas
- Jornal local e outras publicações

Entre outros instrumentos de apoio a estas acções, destacam-se as seguintes publicações: "Ler a Vida para mudar o Destino", "Unir as Letras escrever Povo", "Soletrando Mulher Vida Nova Descobrir", "A Vida é um Problema vamos resolvê-lo".

III - PENSAR A PRÁTICA PARA INTERVIR MELHOR

Pensar a prática para intervir melhor tem constituído uma linha permanente e regular de trabalho da Associação.

Assim, desde 1977 até ao presente, foram promovidas por iniciativa própria ou a pedido as seguintes acções de formação:

- No campo da formação de monitores para alfabetização: Almada (1), Amadora (2), Avis (3), Estremoz (2), Leiria (1), Lisboa (6), Oeiras (2) e Portalegre (5).

  A este nível, a realização do I Encontro Nacional de Associações

e Monitores de Alfabetização, Almada, 1979.

. No campo da formação de professores do Ensino Primário sobre cultura popular e técnicas primitivas de olaria: Almada (2), Barreiro (1), Palmela (1) e Setúbal (1).

. Colóquios para professores do Ciclo e Secundário sobre cultura, património e educação a nível dos concelhos de Almada e Seixal.

IV - PELA CULTURA POPULAR
ASSOCIAR ARTE DE VIVER E PROGRESSO

A "cultura popular" entendida como raízes, património e simultaneamente como perspectiva (arte de viver) tem sido objecto de atenção, estudo e recriação no nosso trabalho.

São os piqueniques e excursões, os convívios e serões. Mas também a olaria: levantamento e recolha, exposições, encontro nacional a nível de oleiros, autarcas eprofessores (Almada, 1981).
São as nossas publicações "Pelo fio se vai ao novelo": "Vivenda da Liberdade", "Só me ensinaram a servir", "Desde Manhã ao Sol Posto", "Quem não semeia o Progresso deixa morrer a Tradição", "Venho-lhe dar os Bons Anos" (cantares de trabalho, olaria, natal,...).
É a exposição itinerante no concelho, em colaboração com outraas associações, "Melhorar a Vida sem destruir o Património" (1980).
É a nossa obra sobre a história e actualidade do movimento associativo almadense: "O Associativismo, Tradição e Arte do Povo de Almada" (editado pela Câmara Municipal de Almada, 1984).

Ernesto Fernandes
(membro da Direcção da SPU)